

Parlêtre, um dispositivo do discurso da psicanálise.

Parlêtre, a device for psychoanalysis discourse.

HAYDÉE MONTESANO

RESUMO:

Com base na afirmação de Lacan de que "não há relação (proporção) sexual", surge como questionamento se a criação do neologismo *parlêtre*, em seu ensino, pode ser considerada uma resposta à instituição cultural que defende a existência do filho como o termo que resolve a impossibilidade de escrever a relação (proporção) sexual. Proponho pensar este termo como um dispositivo do discurso da psicanálise que inscreve a diferença com as noções do indivíduo, pessoa e sujeito dividido.

PALAVRAS-CHAVE: *parlêtre* - inconsciente - sexualidade - neologismo

ABSTRACT:

Based on Lacan's statement: "there is no sexual (proportion) relationship ", it arises as a question whether the creation of the *parlêtre* neologism in his teaching can be considered a response to the cultural institution that supports the existence of the child as the term that solves the impossibility of writing the sexual (proportion) relation. I propose to think of this term as a device of psychoanalytic discourse that inscribes the difference with the notions of individual, person, and divided subject.

KEY WORDS: *parlêtre* - unconscious - sexuality - neologism

Introdução

O que proponho compartilhar hoje é parte de uma investigação gerada a partir do que foi oportunamente apresentado na APOLa, e que me permitiu traçar um percurso acerca das derivações da expressão “a realidade sexual do inconsciente”; assim como da determinação simbólica sobre as formas nas quais se apresenta a sexualidade em diferentes épocas, sob uma perspectiva histórica; neste caso, fundamentada no livro de Louis-George Tin, *La invención de la cultura heterosexual*.

Dando um passo a mais, ficou evidente que, em boa medida, a lógica do proposto deve avançar em direção à afirmação de Lacan: "não há relação (proporção) sexual". Pensemos sobre as razões.

Alguns dos aspectos trabalhados se articularam com o problema fundamental, no ocidente moderno, a respeito do **ser** e seu particular entrelaçamento à sexualidade, ali onde a fundamentação biológica naturalista estabelece o registro ontológico quanto a: **ser homem** ou **ser mulher**, conforme uma inquestionável anatomia atada às funções reprodutivas.

Nessa perspectiva, a divisão sexual para garantir a continuidade da espécie implica a copulação entre os dois polos formulados na classificação que, tal como diz Lacan: "a tradição secular se empenha em caracterizar como um polo macho e um polo fêmea",¹ estabelecendo esta divisão como suporte da reprodução.

Portanto, a partir desse ideal de complementares que tende a manter a ilusão do Um, entra na conta o produto que fecha a unidade da copulação: o filho.

Nesse mesmo sentido, no mito do andrógino,² apresentado por Aristófanes em *Banquete*, que define o amor como aquilo que fecha a proporcionalidade, é estabelecido o lugar de um terceiro termo – o filho, o amor – que tende a escrever a existência da relação proporção sexual.

No entanto, este ideal é posto em questão, no ensino de Lacan, em diferentes momentos e a partir da conceituação do quarto termo: o falo. Surgem – a respeito desse termo – divergências cruciais entre a proposta freudiana e a letra de Lacan e, embora não seja o núcleo no qual penso me deter nesta apresentação para não a estender demais, saliento que este é um aspecto fundamental desta investigação. Apenas introduzo que, se para Freud, o falo tende a se assemelhar ao pênis, vemos então como "a inveja do pênis" gera o interesse de uma mulher por ter um filho, dada a equivalência pênis = bebê.

De outro ponto de vista, o falo, no ensino de Lacan, é pensado sob diferentes perspectivas, segundo a articulação conceitual que esteja em jogo, mas nunca é equiparado ao pênis. Como María Inés Sarraillet especifica bem:

1 Lacan, J. (1993). *El seminario. Libro 11*. Buenos Aires: Paidós. p.156. (tradução nossa).

2 O mito se refere — na versão de Aristófanes — à razão de existir do amor. Fala da antiga natureza humana que incluía um terceiro sexo: o andrógino, composto pelos dois sexos integrados em uma mesma pessoa. Estes seres desafiam os deuses e, por esse motivo, são castigados com a separação. A partir desse momento, cada um busca a metade que lhe corresponde, e é o amor que os reúne, voltando a ser um.

A noção lacaniana de falo abarca um campo semântico cultivado pelo trabalho da língua e sua sedimentação na cultura.³

É sob a lógica da função significante que o falo se articula ao desejo do Outro em uma das versões possíveis do **objeto a** se inscrevendo em um sistema de relações que incluem o Outro e o μ , derivando na condição na qual o lugar do filho se inscreve como termo valorizado.

Proposta de pesquisa sobre *Parlêtre*

A partir do que foi sugerido na introdução, a proposta é abrir uma linha de pesquisa que considere a possibilidade de articular a noção de *parlêtre* com a função que sustenta o terceiro termo: filho, considerando que isto inclui o quarto termo, falo.

Para organizar o percurso que proponho, utilizei como ponto de partida uma citação de Lacan, da aula do dia 17/12/74, pertencente ao Seminário 22:

Falo aqui da debilidade mental dos sistemas de pensamento que supõem [...] a metáfora da relação sexual, não ex-sistente sob nenhuma forma, sob a da copulação, particularmente "grotesca" no parlêtre, que é considerado "representar" a relação que eu digo que não ex-siste humanamente.⁴

A citação em questão permite afirmar que a introdução do neologismo *parlêtre* implica uma necessidade lógica em termos conceituais, localiza uma função que responde a um problema particular. Para poder avançar neste ponto, proponho a seguinte hipótese: a criação do neologismo *parlêtre*, no ensino de Lacan, pode ser considerada uma resposta à instituição cultural que sustenta a existência do filho como termo que resolve a impossibilidade de escrever a relação (proporção) sexual. Proponho pensar este termo como um dispositivo do discurso da psicanálise que inscreve a diferença com as noções de indivíduo, pessoa e sujeito dividido.

3 Sarraillet, M. (2020) La cuestión del falo en Lacan, em *La mujer y lo femenino. Un discurso disruptivo desde el psicoanálisis de Lacan*. Buenos Aires: Prometeo. (Tradução nossa).

4 Lacan, J. (1974). *El seminario 22: R.S.I.* Versión EFBA Inédito. (Tradução nossa).

Para levar esta hipótese em consideração no desenvolvimento a seguir, uso como referência a noção de *parlêtre* estabelecida por Alfredo Eidelsztein no livro *Otro Lacan*, para depois revisar o problema sob a perspectiva dos discursos a partir do ensino de Lacan.

O contexto do tratamento que Eidelsztein realiza sobre *parlêtre* se inscreve na desconstrução que ele lê, no ensino de Lacan, a respeito da vertente ontológica do **ser**.

No ano de 1974, Lacan introduz este termo, que aparece com certa insistência nos anos seguintes em seus seminários e conferências.

A análise que propõe nosso autor de referência se organiza em dois níveis. Por um lado, a condição mesma do termo, enquanto neologismo e, por outro, a desconstrução do campo semântico que este implica.

O fato de ser um termo neológico faz parte da frequente manobra epistemológica de Lacan de introduzir noções que evidenciam a novidade conceitual em jogo; neste caso, é a desconstrução crítica à noção de **ser falante**, que sugeriria o **falante** como uma propriedade de um certo **ser**. De algum modo, indica a condição paradoxal:

... já que: há ser, mas não é idêntico a si mesmo, nem um, nem substancial, material ou tridimensional, mas apenas como criação da linguagem.⁵

É nesse sentido que Eidelsztein propõe traduzir *parlêtre* como: *hablanser* [falanser], de tal modo que se dissipe o problema de um **ser** prévio enquanto tal, indicando que este é efeito de linguagem. E, por sua vez, o plural em *hablan* [falam] implica tanto a imissão de Outridade, como também sua articulação ao inconsciente como discurso do Outro. Derivado desta formulação – o inconsciente é o discurso do Outro –, Lacan propõe *parlêtre* como substituição ao inconsciente.

Discursos

Abro esse tópico com uma citação de Lacan do Seminário 20, na qual me apoio para desenvolver essa investigação sob a perspectiva do discurso. Antes da citação, esclareço

⁵ Eidelsztein, A. (2015). *Otro Lacan. Estudio crítico sobre los fundamentos del psicoanálisis*. Buenos Aires: Letra Viva. p.196. (Tradução nossa).

que ela vem de um parágrafo anterior em que a relação sexual é situada como uma suposição:

Somente suposta [a relação sexual], pois enuncio que o discurso analítico só se sustenta com o enunciado de que não há relação sexual, de que é impossível formulá-la. Isso é o que sustenta o avanço do discurso analítico, e por aí é como determina qual é realmente o estatuto de todos os demais discursos.⁶

Neste sentido, considero que é possível introduzir a lógica e a espacialidade topológica que sancionam, a partir do discurso da psicanálise, as condições do discurso do mestre, que já antecipo, é de nosso interesse para este tema. Assim sendo, vale lembrar que Lacan propõe o discurso do mestre como o inconsciente, mas entendo que também é possível acrescentar que trata-se do inconsciente que inclui efeitos da teoria freudiana.

Introduzo brevemente os dois eixos que fundamentam e fornecem argumentos ao que foi dito; trata-se da psicanálise ao avesso e o reverso da psicanálise.

*A psicanálise ao avesso, achei que deveria dar título a este seminário [...] fiz alusão muito precisa, ou mais exatamente caracterizei, que tem sido o discurso – como eu me expressei – de uma retomada do projeto freudiano ao avesso.*⁷

Como ponto de partida, apresento esta afirmação de Lacan, justamente do início do Seminário 17. Tal como ele mesmo acreditou, segundo pode ser lido na frase destacada, o título do seminário é: *O avesso da psicanálise*.

A edição em espanhol, enfatiza a escolha do termo *reverso* [reverso], dado que depois de aceitar: "projeto freudiano ao avesso", foi incluída a frase – ausente no texto em francês não estabelecido – "voltar a tomá-lo pelo reverso". Apesar disso poder ser considerado um detalhe mínimo, não o levar em conta seria subestimar um matiz importante; não é o mesmo que avesso. O **reverso** implica uma cara oposta à outra principal, mas também estabelece sua existência na simultaneidade. Se o reverso da **cara** de uma moeda é a **coroa**,

6 Lacan. J. (1995) *El seminario. Libro 20*. Buenos Aires: Paidós. pp.16-17. (Tradução nossa).

7 Lacan. J. [1970] *El seminario. Libro 17*. staferla.free.fr, p.6. (Tradução e grifo nossos).

esses dois lados coexistem ao mesmo tempo e no mesmo momento em que se faz a cunhagem da moeda. Já o advérbio *al revés* [ao avesso] significa: ao contrário ou invertendo a ordem; portanto, isso implica uma certa ação sobre algo, que além disso pode ocorrer posteriormente. Para ser mais preciso, o termo usado por Lacan em francês é: *à l'envers*, cuja tradução, [ao avesso], não apresenta dúvidas, uma vez que se trata de um advérbio e não do substantivo *l'envers*.

Considerando o precedente, que se refere à primeira aula do seminário, e somado aos desenvolvimentos que podem ser lidos nas aulas seguintes sobre os quatro discursos, é possível levantar a hipótese de que é válido pensar na coexistência, na obra de Lacan, de dois sentidos possíveis que sustentam por um lado **o projeto freudiano ao avesso** e, por outro, a condição de **reverso**. Esta última, proposta por Lacan em relação aos **giros** necessários para passar de um discurso a outro; para entendê-lo, temos que considerar a escritura dos matemas da estrutura de cada um deles. Trata-se do reverso construído no giro possível em um espaço topologicamente estabelecido e na temporalidade do bucle significante. Espaço-tempo que difere do reverso tridimensional e simultâneo dos dois lados da moeda.

A primeira indicação é a de que o reverso da psicanálise é o discurso do mestre; esta ideia pode ser sustentada tomando como fundamento a estrutura na disposição dos quatro termos em cada uma das fórmulas do discurso do mestre e do discurso da psicanálise. A produção do reverso é efeito de uma simetria que se constrói como **contraponto**, portanto, a relação é proposta com um ponto, não com uma linha ou um plano – tal como esclarece Lacan. Para ser mais preciso, acrescenta: "...é obtido dando uma **reviravolta** a este discurso do mestre".

Para dar a esta ideia seu devido alcance, é necessário revisar algumas condições.

Uma característica do discurso do mestre – segundo o que foi desenvolvido por Lacan em aulas precedentes – tanto em relação à tradição filosófica quanto à atualidade que o apresenta no nível da política, pode ser sintetizada na ideia de "abranger tudo"; inclusive o que se acredita ser uma revolução, a da tradição romântica, acrescenta Lacan.

Esta indicação, que enfatiza o tema da revolução, além de uma certa ironia sobre as revoluções de cunho político, cumpre a função de aclarar uma diferença chave. Uma forma de entender a revolução é aquela volta que retorna ao ponto de partida, portanto, não está sendo produzido algo diferente, o outro.

Nesse sentido, a revolução que o discurso do mestre realiza é uma volta que não gera passagem a outra condição além daquela de continuar como **Mestre**.

O percurso como a volta que se propõe em relação ao **contraponto** que articula o discurso do mestre com o da psicanálise, diferente daquele que retorna ao mesmo ponto, é um percurso efeito do **meio giro**, uma vez que são dois quartos de giro necessários para chegar, a partir do discurso do mestre, ao da psicanálise. O meio giro proposto em relação ao **ponto** mencionado por Lacan, no que diz respeito ao **contraponto**, realiza uma **semitorção**.

É nesse sentido que se evidencia o motivo de argumentar que é **um ponto** engendrado pelo meio giro – os dois quartos – que se faz necessário para operar a produção de um reverso. O que se deve esclarecer é o que implica o percurso de uma volta completa em relação à simetria que este ponto impõe. Dito em termos precisos, é o percurso que estabelece uma banda de Moebius.

O que interessa resgatar é que a proposta de Lacan mostra que a estrutura da banda de Moebius é a **mesma** que a do **reverso** na espacialidade do discurso.

O que foi apresentado permite apreender a espacialidade topológica do movimento discursivo. Contudo, em relação ao **fato de dito**, é necessário acrescentar que o **giro** que se engendra no **contraponto** é um fato de discurso, pelo que se pode deduzir que o reverso não está dado *per se*; necessariamente, no sentido lógico do termo, é um efeito de **dito** discursivo.

Este item, que percorreu metodologicamente o questionamento sobre o discurso da psicanálise no nível da estrutura topológica, permite propor algumas conclusões.

Uma primeira conclusão indica que a análise realizada sobre as citações de Lacan, centradas fundamentalmente no momento em que a formalização do discurso da psicanálise marca o seu ensino, revela uma tensão entre: "o projeto freudiano ao avesso" e o estatuto de **reverso** que se produz a partir da perspectiva dos discursos formalizados.

A tensão parece se localizar na passagem que articula o plano do efetivamente enunciado como proposta conceitual da teoria de Freud e a de Lacan, no nível da estrutura proposta a partir da fórmula do discurso da psicanálise. Contudo, tal tensão é solucionada na produção da escritura das fórmulas, na medida que a posição teórica sustentada pelo dizer: **a psicanálise ao avesso**, permite lê-lo como antecedente – na temporalidade do bucle

futuro anterior – para o advento da formalização dos discursos e a devida construção do **reverso** como localização específica da combinatória dos elementos nos lugares articulados nos quadrípodos.

A partir do que foi desenvolvido, torna-se possível começar a trabalhar com a ideia da relação que existe entre o inconsciente estabelecido por Freud em correspondência com regime do discurso do mestre e como isso é efeito do dizer do discurso da psicanálise. Apresento duas citações da aula do dia 18/02/70 para fundamentar esta ideia:

Por mais bobo que seja, este discurso do inconsciente corresponde a algo que depende da instituição do próprio discurso do mestre. Isso se chama inconsciente⁸

O que sabiam como etnógrafos era mais ou menos o próprio do jornalismo, mas seu inconsciente funcionava de acordo com as boas regras de Édipo. Era o inconsciente que lhes haviam vendido junto com as leis da colonização, forma exótica, regressiva, do discurso do mestre, frente ao capitalismo que chamam de imperialismo. Seu inconsciente não era o de suas lembranças de infância – isso era palpável –, mas sua infância era vivida retroativamente com nossas categorias familiares.⁹

Estas duas citações pertencem à aula na qual Lacan sinaliza sua diferença com Freud, não somente a respeito do complexo de Édipo, mas também ao questionamento sobre a condição de mito, tal como Freud o estabelece, respondendo a partir da estrutura; o que volta a colocar em destaque a diferença entre o inconsciente como produto do recalque que opera sob o cálculo de conteúdos de caráter universal e o inconsciente estruturado como uma linguagem, ao que se acrescenta "como discurso do Outro", que se articula com o discurso do mestre.

8 Lacan, J. (1992) *El seminario. Libro 17*. Buenos Aires: Paidós. p.96. (Tradução nossa).

9 *Ibidem*. (Tradução nossa).

Primeiras conclusões

Este breve percurso aposta apenas em traçar algumas pontuações que pretendem ser abertas, investigadas e devidamente desenvolvidas. Portanto, estas primeiras conclusões deixam conexões teóricas propostas em seu ponto de partida.

Por um lado, se – como lemos na pesquisa de Alfredo Eidelsztein – *parlêtre* é o inconsciente freudiano, trata-se de uma operação efeito do discurso da psicanálise na tensão do avesso e reverso, segundo o apresentado em relação ao discurso do mestre.

Por sua vez, tal como proposto na investigação prévia, a tendência do ocidente moderno é estabelecer o casal conjugal como a condição garantidora da existência, não só da perpetuação da espécie, mas também introduzindo o querer ou desejar um filho, segundo sejam os matizes discursivos. Sendo assim, a causa existencial reside nas condições resultantes de tal querer ou desejar. Neste sentido, podemos propor que a psicanálise trabalha com esta apresentação, que aloja na particularidade essa marca de ordem simbólica. A partir disso, podemos ler duas citações de Lacan:

Não há outro trauma do nascimento além do nascer como desejado. Desejado ou não, dá no mesmo, posto que se dá pelo ser falante [*parlêtre*].

O ser falante em questão se divide, em geral, em dois falantes. Dois falantes que não falam a mesma língua. Dois que não se escutam ao falar. Dois que não se escutam, e ponto. Dois que se conjuram para a reprodução, mas a partir de um mal-entendido consumado, que seu corpo transmitirá com a chamada reprodução.¹⁰

É pelo fato de ter nascido deste ventre e não por outra parte que um certo ser falante ou ainda isto, que chamo por enquanto, isto que designo com o nome de Parlêtre, o que aparece como outra designação do inconsciente, é de haver nascido de um ser que o desejou ou não desejou, mas que, por este único fato, situa-o de uma certa maneira na linguagem, que um Parlêtre se encontra excluído de sua própria origem, e, a audácia de Freud nesta ocasião, é simplesmente dizer que há, em alguma parte, a marca no sonho em si.¹¹

10 Lacan, J. (1980-1981). *Seminário XXVII*. Versão inédita. (Tradução nossa).

11 Lacan, J. (1975-01-26). *Réponse de Jacques Lacan à une question de Marcel Ritter*. Em Pas-tout-Lacan, ecolelacanienne.net. (Tradução nossa).

Embora o *parlêtre* seja uma formulação ligada ao inconsciente freudiano, com tudo o que isso implica, será o discurso da psicanálise que o formula como dispositivo na necessidade de introduzir uma categoria distinta do sujeito dividido entre saber e verdade, com sua específica articulação ao campo do desejo. É diferente do indivíduo, que, sem atenuantes, é definido como o Um garantidor da cópula, enquanto produto certo da continuidade da espécie na reprodução. Mais ainda, se diferencia da noção de pessoa, definida a partir dos atravessamentos jurídicos e linguísticos que tendem a estabilizar em dita categoria uma posição insuficiente em sua generalidade para articular a particularidade no contexto do sujeito da ciência com o qual a psicanálise opera.

Surgem, por sua vez, perguntas que tornam complexo o proposto e, que, nesta oportunidade, sintetizo assim: será que a posição teórica do inconsciente freudiano, ao recobrar o mesmo sentido de época, inscreve-se na lógica do discurso do mestre? Será um dos pontos chave que o discurso da psicanálise sanciona no **avesso e reverso**? Talvez o *parlêtre* seja o dispositivo adequado para abordar este problema.

BIBLIOGRAFIA

1. Catelli, P. y otros (2020) *La mujer y lo femenino. Un discurso disruptivo desde el psicoanálisis de Lacan*. Buenos Aires: Prometeo.
2. Eidelsztein, A. (2015) *Otro Lacan*. Buenos Aires: Letra Viva.
3. Lacan, J. (1992) *El seminario. Libro 17*. Buenos Aires: Paidós.
4. Lacan, J. (1995) *El seminario. Libro 20*. Buenos Aires: Paidós.
5. Lacan, J. (1980) Seminario XXVII. Inédito.
6. Lacan, J. (1975-01-26) *Réponse de Jacques Lacan à une question de Marcel Ritter*. Em Pas-tout-Lacan, ecole-lacanienne.net.

HAYDÉE MONTESANO

Doutora em Psicologia, pela Universidade de Buenos Aires.

Psicanalista, membro da APOLa. Integrante da Comissão Executiva.

Docente e pesquisadora da Cátedra Ética e Direitos Humanos. Faculdade de Psicologia, UBA.